

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE SANT'ANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
AGROINDUSTRIAL**

LISIANE MORAES QUINES

**LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA
AGRÁRIA EM SANT'ANA DO LIVRAMENTO/RS**

SANT'ANA DO LIVRAMENTO

2023

LISIANE MORAES QUINES

**LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA
AGRÁRIA EM SANT'ANA DO LIVRAMENTO/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial na Universidade Estadual
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassiane da
Costa

SANT'ANA DO LIVRAMENTO

2023

Catálogo de Publicação na Fonte

Q71 Quines, Lisiane Moraes.

Lutas e conquistas das mulheres assentadas da reforma agrária de Sant'ana do Livramento/RS. / Lisiane Moraes Quines – Santana do Livramento, 2023.

56f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2023.

1. Assentamentos. 2. Gênero. 3. Mulheres no Campo. I. Costa, Cassiane da. II. Título.

LISIANE MORAES QUINES

**LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA
AGRÁRIA EM SANT'ANA DO LIVRAMENTO/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Desenvolvimento Rural e
Gestão Agroindustrial

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassiane
da Costa

Aprovada em: 12/12/2023

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassiane da Costa
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof.^a Dr.^a Biane de Castro
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Esp. Carmen Willes Vedovatto
Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST

Dedico esse trabalho primeiramente à Deus, ao meu esposo e filhos, grata por tudo que obtivemos juntos nesse tempo de aprendizado, obrigada!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me proporcionar o dom da vida e poder ter realizado esse curso;

Agradeço ao meu esposo (Airto Jonas Suarez), por ser meu incentivador e me ajudar, agradeço de coração pelo teu apoio em tudo;

Ao meu pai (Alberto Quines) pelo incentivo;

Aos meus filhos Vinicius e Keren pelo apoio de sempre;

À minha orientadora professora Dra. Cassiane da Costa por ter aceitado esse desafio de me orientar nesse trabalho.

A todos meus colegas, especialmente Bruna Tauane, Paulo Vargas e Rosimere, pelo companheirismo e parceria nos trabalhos e estudos;

Aos coordenadores de curso e a essa Instituição maravilhosa que fui participante, UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul);

Somente tenho um sentimento nessa hora, gratidão. Isso foi algo de satisfação pessoal e enriquecedor a nível do conhecimento e desejo que ao lerem esse conteúdo possam ter a percepção de quanto a luta das mulheres foi importante para o cenário rural atual.

A todos(as) dedico esse trabalho e deixo o meu muito obrigada.

RESUMO

Fala-se tanto em reforma agrária e o que podemos entender sobre esse processo? Como as mulheres fizeram parte dessa história? Nesse trabalho, busco reunir informações e fazer um apanhado geral com as principais lutas e conquistas das mulheres assentadas da reforma agrária em Sant'Ana do Livramento/RS. Para tanto, entrevistei cinco mulheres assentadas no município. Vimos relatos de mulheres que estiveram na frente das lutas. Podemos observar em seus depoimentos a importância de nunca desistir e de jamais recuar quando as lutas sobrevêm. Isso nos traz a refletir sobre o futuro da luta das mulheres na reforma agrária na medida que essa nova geração não tem tanto engajamento e disposição para novas lutas e enfrentamentos que possam existir, como elas tiveram e têm. Esperamos que isso mude e que haja coerência nos governos para olhar para os(as) trabalhadores(as) que querem um pedaço de terra para viver, produzir e ter uma agricultura familiar envolvente, agregadora e sustentável.

Palavras-chave: Assentamentos; Gênero; Mulheres do Campo.

RESUMEN

Se habla mucho de la reforma agraria y ¿lo qué podemos entender de este proceso? ¿Cómo han sido las mujeres parte de esta historia? En este trabajo, busco recopilar información y hacer una visión general de las principales luchas y conquistas de las mujeres asentadas en la reforma agraria en Sant'Ana do Livramento/RS. Por lo tanto, entrevisté a cinco mujeres que viven en el municipio. Hemos visto informes de mujeres que han estado al frente de las luchas. Podemos observar en sus testimonios la importancia de nunca rendirse y nunca retroceder cuando ocurren dificultades. Esto nos lleva a reflexionar sobre el futuro de la lucha de las mujeres en la reforma agraria en la medida en que esta nueva generación no tiene tanto compromiso y disposición para las nuevas luchas y enfrentamientos que puedan existir, como ellas tuvieron y tienen. Esperamos que esto cambie y que haya coherencia en los gobiernos para mirar a los trabajadores que quieren un pedazo de tierra para vivir, producir y tener una granja familiar atractiva, agregada y sostenible.

Palabras clave: Asentamientos; Género; Mujeres del campo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3	JUSTIFICATIVA	13
4	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
4.1.	LUTAS DAS MULHERES DO CAMPO POR DIREITOS	14
4.2	MULHERES DA REFORMA AGRÁRIA, SABERES E PROXIMIDADE COM A NATUREZA	16
4.3	MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA AGRÁRIA EM SANT'ANA DO LIVRAMENTO/RS	19
5	METODOLOGIA	24
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
6.1	O PAPEL DAS MULHERES NO MST E A CONTRIBUIÇÃO DELAS DENTRO DOS ACAMPAMENTOS E ASSENTAMENTOS	26
6.1.1	Sobre a importância das mulheres no campo e na reforma agrária	26
6.1.2	Sobre a participação das mulheres no MST	28
6.1.3	Sobre o período nos acampamentos e a organização de assentamentos	31
6.1.4	Sobre mulheres na produção de alimentos saudáveis	34
6.2	LUTAS E DESAFIOS DAS MULHERES ASSENTADAS	35
6.2.1	A luta de 8 de março de 2008	35
6.2.2	Desafios a serem vencidos	38
6.3	HISTÓRICO DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA DAS MULHERES ASSENTADAS NO MUNICÍPIO	40
6.3.1	As mudanças na mobilização coletiva das mulheres	40
6.3.2	Camponesas que marcaram a luta das mulheres no município	44
6.3.3	Estratégias para fortalecer a união das mulheres	46
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
	APÊNDICES	53

1 INTRODUÇÃO

Há uma grande influência da mulher no campo, embora por muitos anos não se observou o quão grande é a capacidade de luta e de resiliência das mulheres em todas as partes da sociedade. A humanidade prestou atenção nas formas de poder estabelecidas na antiguidade, com arbitrariedade e por muitas vezes pelo uso da força e do poder adotada pelo autoritarismo e pelo machismo, onde sempre a palavra final era do homem e ponto. Com a luta por direitos iguais entre mulheres e homens e a mudança da sociedade, a conquista de direitos das mulheres foi avançando de tal forma que chega até os mais longínquos rincões, estabelecendo-se com muitas lutas e conquistas adquiridas por essas mulheres, feministas, valorosas nas lutas que fazem.

Nesse trabalho estudamos as lutas individuais e coletivas de um grupo específico de mulheres do campo, as camponesas assentadas da reforma agrária. Trabalhamos as atitudes e a luta pela liberdade, pelo direito de participar ativamente das lutas sociais. Essas mulheres são símbolo de autenticidade e ligação muito forte com a natureza e com a biodiversidade, onde os caminhos levam à equidade de gênero. Tudo para um mesmo fim, uma sociedade mais justa e com a participação ativa da mulher.

Foram tantas lutas para conquistar o espaço que hoje é reconhecido mundialmente. A sociedade contemporânea já não consegue se ver sem a presença da mulher em todos os setores, tanto familiar, como na política, nos trabalhos administrativos, na saúde e também nas áreas rurais. Elas fazem parte de uma corrente onde afloram ideias, decisões, relações e vínculos familiares. Sem essa mulher camponesa, a engrenagem do rural não consegue girar.

Em todas as regiões do país esse grito entalado na garganta, grito “sim”, grito de liberdade, de poder fazer, de opinar, de realizar ações sociais, de agrupar, de convergir e de divergir, espaço esse conquistado por essas guerreiras e por outras que vieram antes delas. Podemos observar no livro “Mulheres Rurais” de Paulilo (2016), mulheres do campo empoderadas e com um grande senso de organização e de relações sociais das mais diversas, quebrando paradigmas e lutando por igualdade e aceitação em todos os âmbitos sociais, sem discriminação de cor, raça, credo religioso ou escolha sexual.

Todos(as) têm os mesmos direitos de poderem cooperar com a sociedade de alguma forma, do seu jeito.

Durante os últimos tempos, muitos estudos acadêmicos pesquisaram e registraram, através de artigos, monografias, dissertações e teses e tantos outros registros, o trabalho das mulheres do campo, as águas e das florestas e a sua importância para o desenvolvimento e o fortalecimento da sociedade. Em vários campos e em diferentes épocas elas se destacaram. Viemos de um período muito obscuro da humanidade, onde o mundo inteiro passou por uma pandemia de COVID-19, onde as mulheres em diferentes âmbitos se destacaram, com trabalhos tanto na saúde, na política, na economia e na área social e isso tem que ser de certa forma valorizado e colocar nos anais da história os registros dessas lutas.

Neste trabalho fizemos alguns registros de trajetórias de lutas individuais e coletivas de mulheres assentadas da reforma agrária em Sant'Ana do Livramento/RS. Fizemos alguns registros de como essas mulheres suportaram momentos difíceis e como continuaram, suas lutas pela terra, como conquistaram e como se estabeleceram com suas famílias nos assentamentos, seus maiores desafios para chegarem a seus objetivos, que perspectiva há para o futuro e como podem produzir de forma mais sustentável.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Reunir informações e fazer um apanhado geral com as principais lutas e conquistas das mulheres assentadas da reforma agrária em Sant'Ana do Livramento/RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o papel das mulheres no MST e a contribuição das mulheres dentro dos acampamentos e assentamentos já instaurados;
- Entender quem são as mulheres entrevistadas, suas trajetórias de vida e de luta, bem como os desafios a serem enfrentados;
- Recuperar o histórico de organização coletiva das mulheres assentadas no município, bem como os resultados oriundos das lutas.

3 JUSTIFICATIVA

Esse trabalho é baseado em temas como gênero e campesinato no Sul do Brasil, mulheres assentadas da reforma agrária e como reagiram frente a uma transformação da sociedade. Trabalhos realizados por autores como Costa e Marin (2018) nos deram um norte para o que realmente queríamos realizar como trabalho de conclusão de curso. Em livros ou em artigos não encontramos nada sobre a luta das mulheres assentadas em Sant'Ana do Livramento/RS.

De certa forma, a presença da reforma agrária repartindo terras e assentando várias famílias trouxe para a nossa região várias formas de saber fazer. Há uma diversidade de culturas estabelecidas, diferentes saberes onde unidos ao conhecimento desta região da pampa gaúcha vieram para somarem com a cultura desta região. O nosso foco nesse estudo foi a mulher camponesa, com as suas lutas e com suas adversidades frente a suas famílias e perante uma sociedade patriarcal e machista desta região.

Diversos assuntos foram abordados em entrevistas para que relatassem tudo o que passaram e suas relações com a natureza, preservação da mesma e as relações de biodiversidade, a maneira com que as coisas aconteceram e como trabalham essas relações. A aceitação das lutas das mulheres frente a uma sociedade machista por certo foi um dos temas mais comentados neste trabalho. Também é importante sabermos como essas mulheres reagiram ante a pressão e como se desenvolveram de tal forma que conquistaram seu espaço tanto no rural como na cidade, na construção de feiras e no mundo acadêmico onde também muitas conquistaram seus certificados.

São por esses motivos que me inspirei em pesquisar esse tema no trabalho acadêmico final, além da sugestão dada pela minha orientadora. Espero que seja muito produtivo para nós todos(as), para tirarmos nossas conclusões acerca do que realmente a mulher representa para a nossa sociedade e de como conquistou esse espaço e qual é a perspectiva em um futuro próximo sobre essa questão. Espero ainda poder contribuir para reunir informações e apresentar as mais diversas ideias da importância da mulher camponesa nos assentamentos de reforma agrária em Sant'Ana do Livramento/RS.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. LUTAS DAS MULHERES DO CAMPO POR DIREITOS

Temos uma visão panorâmica sobre a luta das mulheres do campo para um devido reconhecimento enquanto trabalhadoras, até então dada como um trabalho reconhecido pelo gênero masculino como autor principal. Movimentos assim sucessivamente foram participando essa luta e um deles foi o MMTR-RS (Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul), movimento esse que nasceu na década de 1980 na região do Planalto do RS. Desse movimento nasceu uma organização de mulheres do campo que começou a se fortalecer apoiados pela igreja católica e pelos sindicatos. Eram mulheres que trabalhavam nas roças, em propriedades familiares e lutaram por direitos.

Ao passo que os movimentos feministas tomavam força no campo, pode-se contar que há algumas décadas atrás, boa parte dessa força veio da igreja católica, que apoiava esses movimentos de agricultoras e cedia espaço para reuniões. Contavam também com movimentos religiosos da época como a ‘Teologia da Libertação’, que mobilizava pequenos contingentes de agricultores(as) que lutavam por maiores transformações no campo. Isso se deu com a participação das mulheres e suas mobilizações nas décadas de 1960 e 1970 (CONTE, 2011).

As religiosas começavam suas lutas pelos direitos sociais e econômicos, com elas os sindicatos começavam a ganhar força e maior autonomia para representar os(as) camponeses(as) pois com suas reuniões hora em comunidades e hora em suas próprias casas tomavam decisões através de votação. Começa a era do sindicalismo no RS (MMC, 2008).

Começa agora uma luta por espaço. As agricultoras sentem na pele a desigualdade de gênero, que viam na sociedade refletida nos movimentos e nos sindicatos. Com a constituição de 1988 deu-se o estímulo para lutar pelos seus direitos. A mulher ganha voz e começa a ecoar dentro dos espaços de representação política de forma mais intensa. O movimento feminista começa então mais forte do que nunca (MMC, 2008).

O MMTR-RS, começa agora a focar nos direitos e democracia. Como exemplo foi a conquista aos direitos de aposentadoria dos(as) agricultores(as) familiares para homens aos 60 anos e das mulheres 55 anos. Foram beneficiados(as) assim a todos(as) trabalhadores(as) do campo que desde cedo começam nos trabalhos de roça e criação de animais. As lutas continuavam com a reivindicação de melhores assistências para os (as) camponeses(as) esquecidos antes da Constituição Federal de 1988. Nesse sentido houve uma grande mobilização por parte dos(as) colonos(as) do RS, tradicionalmente um grupo tradicional com pouca experiência política, pedindo a ampliação de benefícios médicos e previdenciários (CONTE,2011; CINELLI,2012).

Ao tratar da luta contra a desigualdade social, não podemos deixar de tratar de gênero, sem antes não entender o seu conceito. Sabemos que o contexto que existe em torno da palavra gênero é muito mais profundo do que podemos imaginar, pois trata-se de uma construção social e histórica que se refere ao que é percebido como coisa de homem e coisa de mulher e suas relações, em determinada época e determinado lugar (SAFFIOTI, 2004).

Tratar gênero como construção cultural, sabendo diferenciar os termos masculino e feminino e buscar transformar a forma de dominação ou de carga do masculino sobre ao feminino, essa foi o grande diferencial que ganhou força para a lutas das feministas ficar cada vez mais forte. “Gênero” passa a ser um novo tema, mas não tem o poder para mudar o paradigma analítico e histórico (PAULILO,2016).

De certa forma no Sul do Brasil, estudos feitos por Costa e Marim (2018) apontam para outra questão importante para uma observação à nível histórico. Costa e Marin (2018) mostram que no interior do RS, a construção do masculino e o feminino desde a infância eram questões muito bem acentuadas. As meninas eram preparadas para serem donas de casa, com bonecas elas brincavam fazendo roupas. Já os meninos eram preparados para peões, brincavam com coisas mais rústicas como era a lida do campo.

Em seu livro onde agrupa vários estudos sobre mulheres rurais, Paulilo (2016), observou que os problemas dessas mulheres por consequência de uma sobrecarga de trabalho onde atinge muito mais de um cansaço físico, torna-se problemas psicológicos que entram dentro do seio das famílias e trazem consequências graves. Antes mesmo de sair com o homem para o campo, tanto

na plantação como na colheita, ela realiza a lida da casa sem a justa distribuição do trabalho doméstico (PAULILO, 2016).

A criação dos(as) filhos(as) era considerada um trabalho leve, como obrigação, dever de toda mulher, tendo característica de somente uma dona de casa com suas obrigações familiares, mas que acaba sendo muitas vezes um fardo pesado para carregar sozinha. A liberdade e os prazeres da vida acabam sendo esquecidos, escondidos dentro do “trabalho leve”, mas desde quando foi leve? Na verdade, o trabalho era visto como leve quando era exercido por mulheres, sendo desvalorizado (PAULILO, 2016).

Mulheres do campo são guerreiras que lutam por direitos, contra a violência doméstica, transformar o amargo em doce e ainda trabalhar para si e sua família. Isso não é trabalho leve, é pesado e pouco valorizado. Através da luta das mulheres do campo isso está mudando.

O feminismo camponês popular foi criado pelas mulheres de movimentos sociais do campo como Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e MST. Nesse sentido, esse feminismo foi criado nas bases de movimentos sociais integrantes da Via Campesina e serve para lutar contra as desigualdades de gênero, em defesa do campesinato e da vida.

4.2 MULHERES DA REFORMA AGRÁRIA, SABERES E PROXIMIDADE COM A NATUREZA

Uma forma de representação das mulheres é na questão dos saberes ligados à saúde, uma ligação com a natureza que remete às mulheres camponesas trazerem o que aprenderam com as(os) antepassadas(as). Essas mulheres, embora não muito difundido, carregam valores históricos e culturais que passam de geração para geração, representando suas origens e relação com a natureza. São elas que por muitas vezes se autodenominam “bruxas”, eram as que cuidavam de sua forma seus familiares com receitas de plantas medicinais e ali tratavam com eficácia as doenças a quem eram acometidas. Essas mulheres são simples, mas com uma grande competência naquilo que estavam representando, feministas sim, porque carregavam a responsabilidade do bem-estar as vezes de uma comunidade inteira, ofuscada muitas vezes pelo machismo, mas tinham a autoridade sobre elas em sua representatividade.

A pesquisa desenvolvida por Costa (2019) sobre o saber do uso das plantas medicinais é referente à categoria de mulheres assentadas da reforma agrária. Essa categoria tem especificidades em relação ao grande grupo de mulheres do campo, pois essas camponesas lutam pela terra e por direitos dentro de um movimento social. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi criado em 1984 e desde o início as mulheres estiveram fortes no movimento nos enfrentamentos às desigualdades.

Além de desenvolverem e manterem os saberes tradicionais nas quais lhes foram transmitidos, elas construíram referências junto às suas famílias, suas comunidades e ao MST. As mulheres transformaram este conhecimento em uma estratégia de construção de processos de autonomia enquanto sujeitas da própria história, compreendendo assim esse processo de lutas no campo e quais os caminhos encontrados para que as conquistas pudessem aparecer e o cenário encontrado para que essas lutas tivessem sucesso (COSTA, 2019).

As práticas relacionadas aos saberes e à vivência no campo trouxeram à tona as lutas pelas quais essas mulheres “feministas”, conquistassem seu espaço, tanto na luta para obter a terra, como nas lutas para conquistarem espaços e direitos em questões como gênero, saúde da mulher, e tantas outras questões que ao longo do tempo tornaram-se pauta em lutas de sindicatos e movimentos como o MST. Cabe aqui deixar claro que entendo o feminismo como uma luta em prol da igualdade de direitos entre mulheres e homens, sendo que existem vários feminismos.

Essas lutas trouxeram o reconhecimento no cenário nacional, na qual inúmeros programas foram criados em cima dessas pautas, e hoje na atualidade se tornaram referência para até mesmo outros países que também sofrem com a desigualdade social. A construção foi aos poucos, revelando assim os saberes escondidos de gerações que estavam nas suas vivências diárias e que a valorização não existia, até que no mundo acadêmico tornou-se reconhecido esses valores dos saberes das mulheres camponesas.

Em uma dissertação de mestrado em “Caminho Feminino para Reforma Agrária”, Pavan (1998) procurou focalizar as histórias vividas no cotidiano das mulheres da reforma agrária em Promissão/SP. Ela analisou a experiência dessas mulheres estarem construindo uma nova cultura, consequências de um projeto que é, ao mesmo tempo, um projeto pessoal, de mulheres que sonham

com uma vida melhor, procurando seu espaço em um meio as quais estão inseridas, representando seu papel em meio a uma sociedade patriarcal. Mulheres empoderadas com uma grande visão de futuro, com experiências de lutas, acampamentos debaixo de barracos, com frio, chuva e calor, com filhos, amamentando, cozinhando para muitas pessoas. Elas deixavam, muitas vezes, um pouco de conforto na cidade para correr atrás de um sonho de um pedaço de terra que pudessem aplicar toda sua experiência que traziam guardadas em suas memórias de seus antepassados e podê-las aplicar em forma de conhecimento em suas ocupações, ou seja, a tão desejada terra que a reforma agrária prometia.

Muitas dessas lutas obtiveram resultados, juntando-se assim como protagonistas, junto com os homens, de uma luta pela terra e assim conquistando desde já um espaço até então desconhecido, ou seja, não reconhecido pela sociedade, o espaço da mulher do campo. A camponesa é sim protagonista tanto quanto os homens, e que partindo desse ponto de vista, é sim a feminista que estava assumindo seu lugar frente a uma tão sonhada busca pelo espaço. Espaço esse que trouxe o conhecimento estratégico, da dona de casa, da administradora, da educadora, e a corajosa mulher da reforma agrária, com várias perspectivas sim, e com uma visão de um mundo melhor. São elas que muitas vezes participaram desses movimentos do MST, enquanto os homens estavam na linha de frente, com o trabalho considerado mais pesado, elas sustentavam e cuidavam da família dentro do acampamento (PAVAN, 1998).

No acampamento as mulheres haviam assumido tarefas tidas como tradicionalmente femininas, ou seja, o cuidado das crianças e dos idosos, da alimentação, da higiene e da saúde da família. Mas participaram também das comissões de vistoria, de segurança, de negociação e outras necessárias naquele momento da luta, o que lhes dava a sensação de estarem em condições de igualdade a busca pela harmonia e a excelente maneira de organizar faziam com que as mulheres tinham esse papel importante dentro do acampamento. Aos poucos a vida comunitária dos acampamentos tornam cada dia mais fortes o papel da mulher nas comunidades, como participação em cooperativas e também nos negócios administrativos já quando estavam com a posse das terras. Muitas dessas mulheres carregavam consigo legados passados de

geração para geração. Isso cria relações pessoais entre os envolvidos, trocas e compartilhamento de saberes que se somarão criando relações sociais (PAVAN, 1998).

Mas e quando falamos na temática mulheres e agroecologia? Siliprandi (2015) em seu trabalho faz referência à construção de uma sociedade justa e sustentável, na qual a mulher tem uma representatividade ímpar, que denota as particularidades de cada uma das mulheres reportando a capacidade de cada uma enfrentar as adversidades do cotidiano, inseridos em um novo do velho. No intuito de preservar aquilo que estava sendo destruído, a capacidade de resiliência e de foco em seus objetivos torna essa mulher camponesa uma guardiã da agroecologia, mesmo com tanto protagonismo, a luta pelo direito das mulheres pela terra sempre teve resistência.

Nesse livro, depoimento de mulheres da reforma agrária nos remete as dificuldades vivenciadas por elas na questão com o INCRA, onde questionavam que teriam direito, embora com direitos iguais no papel, havia ainda muita discriminação por serem mulheres. Mesmo assim, grupos de mulheres não paravam e promoviam uma agricultura sustentável, optavam por hortaliças orgânicas e isso fez com que participassem de programas regionais e nacionais, mesmo passando por discriminações de gênero, raça e classe. Conforme Siliprandi (2015), a desigualdade era o maior entrave em seus depoimentos, embora as questões fossem expostas, na parte agrônômica ainda a dominância é machista. Aos poucos com a abertura de oportunidades no meio acadêmico as mulheres foram ocupando seu espaço, e com muito sucesso, pois se importaram com questões de preservação e um modo ainda mais sustentável de produção, contribuindo assim por um meio ambiente mais justo e sustentável. Dessa forma, é possível entender o papel forte que a mulher exerce dentro dos assentamentos de reforma agrária na produção de comida de verdade e defesa da vida.

4.3 MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA AGRÁRIA EM SANT'ANA DO LIVRAMENTO/RS

O papel das mulheres assentadas vai além da preservação da biodiversidade e dos cuidados com a família e os afazeres domésticos. Ela

transcende para além da porteira e vai para a cidade de forma de feiras, como é o caso das mulheres feirantes em Sant'Ana do Livramento.

Nesse município da região da Fronteira Oeste do RS na qual existem feiras livres, as camponesas trazem seus produtos para comercializarem na cidade. Esse trabalho é descrito por Renata Allende (2019) que trabalha o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras camponesas do município e explica como essas mulheres construíram esse ambiente e como foi a luta para conquistar esse espaço onde ali trazem seus produtos para comercializar na cidade. Essa luta foi marcada com muitas conquistas até então não exploradas, pois havia muitos que vendiam seus produtos de porta em porta, mas no caso da feira eles se juntaram e traziam produtos de várias partes da região da campanha, e isso foi uma conquista de todos, tanto na construção, organização e andamento das feiras.

É de fundamental importância que a mulher do campo, falando sim das assentadas pela reforma agrária, tem a responsabilidade para com a agro biodiversidade, isso porque os alimentos produzidos na maioria das vezes são colocados em suas mesas, nas feiras, ou em programas do governo como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e precisam ser um produto que tenha as normas de segurança alimentar em qualidade e que seja produzido de forma sustentável. É com essa preocupação na produção de alimentos que as mulheres entrevistadas visam obter alimentos de qualidade, respeitando a agrobiodiversidade, buscando a produção de uma forma justa e sustentável (ALLENDE, 2019).

Para Machado *et al.*(2008), a agrobiodiversidade é uma relação de interações entre as espécies. Essa relação faz com que as energias relacionadas com a natureza se complementem de uma forma que traz uma sinergia entre os componentes. Tudo está interligado na natureza, e a pessoa também faz parte desta relação. A complementariedade das forças faz com que a relação humana, no caso as mulheres tornam-se protagonistas no processo. A mulher costuma exercer um papel de conservação da agrobiodiversidade, fazendo isso faz com que a sustentabilidade e a garantia para as próximas gerações estejam pautadas nessa conservação e isso transcende fronteiras, tanto no Brasil como em outros países esse envolvimento da mulher com a natureza são observados, como uma construção social (ALLENDE, 2019).

Em Sant'Ana do Livramento existem 30 assentamentos da reforma agrária, cerca de 1000 famílias estão vivendo e produzindo nessa região, onde se consolidou a bacia leiteira do município, destacando também a produção de diversos produtos derivados do leite e na produção de hortaliças. Essas famílias criaram uma forte cooperativa "COPERFORTE", onde seus produtos puderam ser comercializados e com isso aumentando a bacia leiteira do município. Com o leite vieram as hortaliças, frutíferas onde alguns(algumas) produtores(as) dedicaram-se na produção de sucos e vinhos, onde as condições edafoclimáticas do município torna um local ideal para a produção de uvas de qualidade (ALLENDE, 2019).

Em um contexto adverso em um tempo recente tivemos um cenário nunca visto no mundo, enfrentamos uma pandemia à nível mundial, Pandemia de COVID-19 e com isso muitos tiveram que se reinventar. Mas como em um cenário onde não podia se ter contato sobreviveram as feirantes da nossa região? Então grande parte delas tiveram a ideia de usar as redes sociais e oferecerem seus produtos, entregando de casa em casa com todos os cuidados. Foi isso que mostrou a monografia de Campos (2021).

Nesse período vimos o poder de luta das mulheres, o gênero feminino mais uma vez estabelecendo um poder de relações nunca visto antes. Transformar a arte de fazer feira foi uma maneira de quebrar paradigmas e lutar com um sistema até então patriarcal para que o gênero pudesse aflorar convertendo isso em uma melhor relação social, quebrar protocolos e assumir papéis até então somente exercido por homens. Esse foi o maior ensinamento que a pandemia nos trouxe, muitas vidas ceifadas, mas grandes aprendizados tiveram. Unidas e organizadas as mulheres assentadas do Assentamento Liberdade no Futuro mais uma vez exerceram um papel fundamental para que a segurança alimentar fosse preservada, e com isso manter as relações com a natureza a biodiversidade (CAMPOS, 2021).

No Assentamento Liberdade no Futuro, localizado em Sant'Ana do Livramento, as camponesas com consciência da importância do plantio e do cultivo agroecológico, em um sistema que valoriza as famílias e o meio ambiente, priorizam o manejo natural, permitindo que a natureza faça por ela mesma. Por este motivo o alimento tem seu diferencial, saber aguardar o tempo do alimento junto com a manifestação da natureza, seguindo os princípios da vida isso é

saber fazer da relação da natureza a introdução do ser humano. Ou seja, da própria mulher camponesa protagonizar essa inter-relação (ALLENDE, 2019; CAMPOS, 2021).

A luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres impulsiona os movimentos populares da Via Campesina. Essas mulheres se reconhecem como camponesas, feministas e populares, porém, elas precisam dizer aos demais, qual a sua importância neste contexto, criando o conceito de feminismo camponês popular (TÁBOAS, 2018).

Essa caminhada é para que possam entender o quanto é importante a luta por uma alimentação saudável, pelo direito à terra, e o cuidado na manutenção da agrobiodiversidade, das sementes, da água, dos alimentos cultivados. Elas cuidam dos bens que o meio ambiente nos proporciona e com isso, o saber fazer é algo valioso, não pode ser deixado de lado, é graças ao conhecimento e práticas de manejo com a natureza, utilizadas pelas camponesas que ainda temos alimentos limpos, livre de agrotóxicos para pôr na mesa de nossas famílias, nos mantendo saudáveis. A agricultura convencional já deixou claro que não é capaz de produzir sem veneno e a segurança alimentar tem que ser respeitada. Vimos o exemplo disso as mulheres assentadas da reforma agrária “Liberdade para o Futuro”, no Cerro dos Munhoz, é um exemplo de dedicação e de resistência para os(as) demais.

Seguindo as definições de agricultura familiar e confrontando a diferenciação com a agricultura empresarial, há uma diferenciação muito grande entre elas. A FAO (2015) define agricultura familiar com uma atividade de produção agrícola familiar e com isso a heterogeneidade está aflorada nessa categoria social onde a maior parte do trabalho e a gestão é da família. Nesse contexto do qual fazem parte os assentamentos de reforma agrária, existe a incerteza da continuidade dos(as) sucessores(as) que irão dar continuidade no lote. Esse é um grande desafio a ser vencido, onde especialmente as moças migram para viver na cidade. Em Sant’Ana do Livramento muitos(as) assentados(as) estudam e se formam em cursos, como os das ciências agrárias da UERGS. O desafio é que voltem para a propriedade e apliquem ali seu conhecimento. O saber empírico e o acadêmico devem ser entrelaçados para uma maior resposta, sempre com foco no agro ecossistema, buscando a melhor forma de produzir e de viver de maneira sustentável.

5 METODOLOGIA

Conforme Gil (1999), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos, utilizados para atingir o conhecimento, “conhecimento científico”, isso é realizado conforme verificação dos métodos, ou seja, determinar um método pela qual possa se alcançar um resultado final. No caso esse trabalho foi escolhido como método o estudo de caso, sendo o caso das mulheres assentadas da reforma agrária do município Sant’Ana do Livramento/RS. Essa pesquisa executada é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos e também o entendimento do estudo proposto, procurando sempre uma abrangência de dados que compactados gerem uma análise, buscar dados e respostas a questões muito particulares, específicas, que precisam elucidações mais analíticas e descritivas. Trata-se também de uma pesquisa qualitativa.

Segundo Gil (2006) a pesquisa qualitativa consiste em coleta de dados por meio de observação, relato, entrevista e outros, por meio de dinâmica entre o(a) entrevistado(a) e o(a) entrevistador(a), na qual o foco é a interpretação e não a quantificação. O maior interesse é no processo do que os resultados, no qual o(a) pesquisador(a) exerce influência sobre a situação de pesquisa, e é também influenciado(a) por ela, redigindo perguntas que possam permitir identificar a problemática no enfoque ao tema da pesquisa com coleta de dados, análise e resultados.

Nesse estudo de caso, escolhemos como técnicas a realização de entrevistas individuais com mulheres assentadas com auxílio de roteiro de questões com perguntas e respostas (abertas e fechadas). Buscamos entrevistar mulheres que são ou foram atuantes na luta pelos direitos das mulheres nos assentamentos do município. De forma complementar, utilizamos o recurso das fotografias. O roteiro de questões utilizado, está nos apêndices.

Foram entrevistadas cinco mulheres que vivem em quatro assentamentos da reforma agrária que se localizam em diferentes regiões do município. Essas mulheres foram escolhidas pela participação ativa em atividades coletivas organizadas pelo MST, entre elas atividades de mulheres.

As entrevistas foram gravadas com autorização das entrevistadas que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido que está nos apêndices dessa monografia. Optamos por não utilizar os nomes reais das mulheres para preservar suas identidades, utilizando nomes fictícios.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi se alinhando conforme o tempo nos ia permitindo, devido ao trabalho e à disponibilidade das mulheres assentadas. Trabalhei com cinco mulheres, Ana que tem 55 anos, Lilian que tem 57 anos, Josefina que tem 59 anos, Viviane que tem 47 anos e Carmen que tem 63 anos. Elas vivem em quatro assentamentos da reforma agrária que estão localizados em diferentes regiões do município.

O roteiro de questões utilizado com doze perguntas individuais foi respondido pelas entrevistadas de forma presencial, sendo que três mulheres foram entrevistadas em suas residências e duas foram entrevistadas na cidade. Em todos os casos houve boa receptividade.

Passamos momentos muito agradáveis, produtivos e descontraídos, experimentamos produtos artesanais produzidos pelas assentadas, e aprendemos muito ao ouvir essas mulheres com uma história de vida incrível. Nos assentamentos, tudo isso aconteceu junto à orientadora.

Na sequência são trazidos os resultados das entrevistas, privilegiando as falas das mulheres assentadas, suas vozes.

6.1 O PAPEL DAS MULHERES NO MST E A CONTRIBUIÇÃO DELAS DENTRO DOS ACAMPAMENTOS E ASSENTAMENTOS

6.1.1 Sobre a importância das mulheres no campo e na reforma agrária

Começamos os resultados da nossa pesquisa tangenciando o ponto principal, o papel da mulher dentro de um universo de possibilidades de atuação na reforma agrária. Mulheres estas que representavam uma geração transformadora, de mudanças, porém havia diferenças significativas na trajetória de homens e de mulheres na luta do MST e nesse sentido, teria um caminho feminino para a reforma agrária? Questionamento esse que sempre houve em relação às mulheres da reforma agrária, conforme Pavan (1998).

Na questão sobre a importância das mulheres na luta pela reforma agrária, dona Ana remete ao passado quando entrou para o assentamento, anos após a sua criação. Sobre o assunto, Ana fala o seguinte:

Hoje a mulher do campo conseguiu progredir em alguns fatores, mas sabemos que falta ainda muito na questão da qualidade alimentar, pelo fato da mulher ter que sair a buscar uma melhor qualidade de vida fora da porteira e poder melhorar a situação dentro do seu lote.

Sobre a importância das mulheres no campo, Viviane responde o seguinte:

Quando fazem essa pergunta gosto sempre de lembrar da luta que a gente passou para chegar até aqui. E hoje eu olho para trás e não acredito que ficamos acampados por um ano e nove meses. Mas quem foi para o acampamento mesmo foi o meu esposo e eu fiquei em casa morando com minha sogra e meu sogro com minha filha mais velha e enfrentamos. E quando chegou a notícia que tínhamos conquistado disse vamos embora...começar...Eu era de Constantina, e lá passamos por períodos difíceis de seca, tudo muito mais difícil do que aqui. Foi bem complicado, mas tudo isso passou e fomos conseguindo nos estruturar...Esse grupo de mulheres que temos aqui todas passaram por coisas diferentes com histórias diferentes de luta.

A Assentada Josefina fala sobre suas lutas para a conquista das terras, fala da importância do MST para a repartição das terras no assentamento. Eram pessoas de outros lugares, com culturas diferentes e que tiveram que se adaptar com a criação de gado leiteiro, porque o solo de onde eles vinham era solo de lavoura e plantação. Já aqui era uma cultura de bovinocultura e ovinocultura, campo nativo região do Pampa Gaúcho. Mas o que Josefina também fala sobre a importância da mulher do campo e a luta pela reforma agrária. Sobre isso ela diz:

Passamos por momentos bem difíceis. Éramos discriminadas e tratadas como marginais. Desde o início dos movimentos na década de 70, começamos a participar ativamente dos movimentos para reforma agrária. Depois tivemos vários combates de até apanhar, marcas de balas de borracha no corpo pela repressão dos militares. As mulheres ajudavam na parte da saúde com irmãs da Pastoral da Terra, que colaboravam com até mesmo medicação e uma farmácia que organizamos. Ali estive um bom tempo ajudando no acampamento na linha de frente, sempre no setor de saúde. Depois sim fui acampar para obter a minha terra no ano de 93 e 94, acampe para conquistar a terra onde hoje eu estou.

A assentada Lilian fala sobre sua trajetória no MST e a sua conquista da terra pela reforma agrária. Assim como as demais, é uma mulher guerreira que sempre participou das lutas e também das conquistas hoje vividas por ela. Ela fala como vê na mulher do campo na atualidade:

Vejo hoje na atualidade diversos tipos de mulheres, uma coisa que não dá para dizer que são iguais. Tem umas que ficam em casa, não saem,

não interagem, nem participam de grupos. Outras são ativas, fazem negócios, estão na linha de frente, enfim são vários tipos. Mas aqui no meu assentamento as mulheres são bem unidas. A gente é unida pelo futebol. Nos torneios elas jogam, treinam e as que não jogam torcem para as que estão jogando. Isso é uma coisa boa. Tem o tradicional chá das mães, mas nem sempre foi assim. Passamos por momento de lutas. Eu me convidei para ir no grupo de mulheres por que sempre escutava na rádio que era do grupo de mulheres do Movimento Sem-Terra. Contrariada pela minha família, chegando no grupo fui interagindo com as mulheres, isso em Cruz Alta, eu ainda não era assentada. Aí fui participando daquele grupo e fui ficando com elas, e um dia perguntei o que eu posso fazer para obter um lote de terra também. Tu tens que acampar e eu fui. Aí elas me disseram tu vais para um movimento machista, e realmente era. Na época existia muito o machismo. Era muito mais os homens que comandavam. Hoje não, tratamos sobre gênero, e em situações que eu vivi no meio do movimento eu impus e eles me respeitam pelo meu trabalho, meu empenho, e isso vai quebrando barreiras.

Já Dona Carmem vê a mulher do campo na atualidade da seguinte maneira:

Hoje a mulher do campo está mais empoderada, a tecnologia as inovações transformaram tudo para melhor. Bah, se fosse em outro tempo, agora tudo está mais fácil, até mesmo para se comunicar. As lutas eram travadas, muitas situações que esses jovens de hoje não sei se iriam aguentar, mas valeu a pena todo o esforço.

Podemos observar que em todos esses depoimentos houve um certo consenso entre as entrevistadas na questão das melhorias que aconteceram na vida das mulheres do campo nas últimas décadas. Mas também vimos algumas falando que aquela geração mais aguerrida que ia em busca de seus objetivos com muita persistência, mesmo sofrendo repressão. Que possamos recuperar aquelas mulheres de antes, e o pensamento de muitas. Vejo que o sentimento que existe é de interrogação quanto a esse tema. As histórias de vida de cada uma das entrevistadas tratam da mulher do campo onde as empoderadas seguiam em frente nas lutas pelos seus objetivos, heroicas foram elas, tiveram a coragem de mudar paradigmas.

6.1.2 Sobre a participação das mulheres no MST

No tocante sobre a forma de como as mulheres do MST participam das ações envolvendo o movimento e como enfrentaram as dificuldades acerca do machismo, elas também se pronunciaram. As mulheres sempre tiveram um papel significativo no campo, embora por vezes não valorizado, o que continua até nos

dias atuais. O trabalho, é algo “libertador”, nos traz “independência”, conforme Paulilo (2016), em sua obra “Mulheres Rurais”. Vamos ver o que nossas entrevistadas falam sobre essa questão:

Lilian fala de suas experiências sobre a participação dentro do movimento, as dificuldades e os trabalhos realizados:

As mulheres têm muita dificuldade de participarem. Acho que ainda enfrentam muito machismo. Acredito nisso. Fico tão feliz quando chega uma mulher na cooperativa que é ela que pega dinheiro, cheque, porque a gente sabe que as mulheres que trabalham no leite. Elas fazem a parte principal, são poucos os locais que eu sei que é os homens que tiram leite. Mas aí quem pega o dinheiro é o homem.

Mas a gente vê, tem mulheres que são sozinhas, se separam, eu conheci uma mulher, uma senhora, uma mulher humilde lá no assentamento Recanto. Comecei a ver essa mulher depois que ela ficou viúva ela é tão querida, tem um carinho por mim me manda fruta. Vejo gurias, muitas mulheres que elas florescem depois que acabam ficando viúva ou se separam. Tu vês isso, é explícito quando você vai na reunião dos núcleos.

Procuro estimular as mulheres. Essa semana estava um caminhão descarregando ração. Olho uma mulher descarregando, aí fui lá. Disse tem almoço, querem almoçar? Fui lá no caminhão dar parabéns. Ele disse ‘é minha mulher e meu filho’. Estou vendo uma mulher fazendo trabalho, dando exemplo, parabéns, ajudando o companheiro. Nós temos que sempre enaltecer a mulher. Para mim é isso, porque eu sei pela minha história, ir à luta.

A pior parte da minha entrada para o MST foi o preconceito que eu enfrentei da minha família. Meus pais nunca me visitaram no acampamento, tinham vergonha de mim. Imagina tu enfrentares da tua família isso. E aí a sociedade em si tem esse preconceito do MST. Lá na margem da BR, embaixo da lona preta, estava grávida de meu filho. As pessoas te olham de jeito diferente. Senti isso na carne quando meu pai chegou na frente da minha casa e me disse ‘trabalhei a vida inteira pra ter terra te dar terra e tu vai se misturar com esse tipo de gente’. Disse ‘pai eu quero que tu vivas anos com a sua terra, disfrute, mas eu quero conquistar a minha terra, ter a minha terra, fazer o que quiser, plantar o que quiser, do jeito que eu quiser’.

Josefina também conta suas experiências e fala sobre gênero dentro do contexto em que vivem e os percalços encontrados ao longo dos governos que passaram:

Olha, o setor de gênero teve uma época mais articulado mais organizado. Na verdade, não só o setor de gênero, como o próprio movimento, devido à conjuntura que se teve. Foi uma forma de começar a desorganizar o movimento até acabar com o movimento criminalizado. Então com o Bolsonaro, ele conseguiu de certa forma desmobilizar o movimento e isso enfraqueceu nossas lutas. Eu tinha que pensar por que era risco de vida mesmo. Tem que pensar em ti e nos outros também, aí diminuimos as lutas, fizemos em mais forma de caráter de

denúncias. Se fosse fazer ali aquelas lutas daquela época, dava monte de morte. Mas aí por outro lado, as mulheres ficaram mais na produção, não pararam na verdade, fortaleceram a produção das feiras.

Com a pandemia também foi uma outra coisa que deu uma caída. Na verdade, também o nível da vida, porque as famílias não tiveram incentivo nenhum para produzir. Quem tinha um pouco de condições se mantinham nas outras que dependia. O pessoal que não pegou nenhum recurso ainda estava esperando. As pessoas ficaram sem nada e o próprio movimento não tinha dinheiro nenhum para se mobilizar.

Aí foi encontrado esse outro lado. Então as mulheres através do esporte. Tipo não deu um lado de luta, mais se criou outro, porque na verdade tem vários times no assentamento que não existia. Então foi se criando um jeito para isso. Os bailes que saem no assentamento é uma forma de se encontrar e tem as mulheres que continuam nas estancias com toda a dificuldade. Temos mulheres que estão na direção em outros setores também que tem e agora vem com mais força. As mulheres já têm incentivo, agora é outra situação, outra conjuntura que vai demorar mais um pouco. Mas agora vai vir com mais força. O setor de educação, essas também vieram ajudando trabalhar nas escolas. Mas as mulheres brasileiras não desistiram, elas continuam. A hora que dá oportunidade, elas vão para Brasília porque na verdade tem vários assentamentos, então se foi procurando um jeito para isso.

Viviane também fala sobre direitos iguais das mulheres, sem privilégios tanto para homens como para mulheres, e a luta das mulheres e do setor de gênero do MST:

O setor de gênero do MST é baseado em direitos iguais homens e mulheres, não tem privilégios, é direito iguais. Porém, o que leva é lutar pelos direitos das mulheres, porque homem tem direitos, mulher tem direito só que muitas vezes as mulheres não conseguem. Aí entra o setor de gênero nos assentamentos, nas famílias. Muitas vezes ajuda, as vezes nem tanto. E esse engajamento das mulheres na cidade e no campo. Mas somos minoria ainda. O setor de gênero é um setor nacional, nacional, estadual e municipal.

Ana fala um pouco de seus ancestrais e fala sobre a sucessão e também sobre a questão de como são tratadas as pessoas que obtêm a terra pela reforma agrária. Há ainda muitos preconceitos quanto a essas pessoas:

Assim pelo que eu sei, as famílias, lá atrás os pais os avós que tinham um pedacinho de terra. As famílias daqui assentadas são todas oriundas da região norte do estado. Então as famílias, os seus pais tinham um pedacinho de terra, então foi se formando 'oh quem quer um pedacinho de terra, a terra é de quem nela planta, de quem nela trabalha', então assim a gente foi conseguindo um pedacinho de terra pra poder trabalhar essa terra e desenvolver a terra e não dizer que a gente conquistou a terra pegou a terra de graça. Não, porque hoje as famílias estão pagando as terras. Hoje está tendo um retorno que a dívida vem. Então essas lutas que são feitas são lutas pelo direito que as mulheres não tem. Consigo assim ou passam a se infiltrar a entrar em algum grupo, algum

órgão do estado, do município ou federal que as mulheres consigam se manifestar, tentar buscar seus direitos.

Carmen fala sobre as reuniões, as assembleias estaduais, as atividades coletivas que são a roda que gira o movimento. Aborda também a autoestima e o cuidado que devem ter as mulheres do campo:

Olha realmente assim nós nos encontramos mais no encontros estaduais, regionais, nos assentamentos quando tem reunião, assembleia, quando vem alguém de fora para fazer atividade, Emater, Uergs. As mulheres do Uruguai são muito parceiras de fazer atividade coletiva e Unipampa, somos fortes de parceria. Daí a gente faz várias atividades de autoestima, autocuidado, de como plantar sem veneno, prevenir saúde, isso tudo está na nossa atividade quando nos encontramos.

Dentro do contexto abordado por cada uma das mulheres entrevistadas, pude perceber que cada uma tem suas experiências e todas tem alguma coisa que fecha a engrenagem para uma boa discussão sobre as mulheres assentadas. Seus depoimentos são na verdade uma fonte de informação que podemos tirar muito proveito para os estudos e dar diretrizes para políticas públicas para mulheres do campo.

6.1.3 Sobre o período nos acampamentos e a organização de assentamentos

Entramos agora em uma nova questão, de que maneira eram feitos e organizados os acampamentos e assentamentos, como organizavam as lutas e quais os desafios que tinham para poder ter êxito nesses movimentos. Para conhecer melhor a organização dos assentamentos em Santana do Livramento e a importância das mulheres nesse processo, sugerimos assistir o documentário “Liberdade no Futuro”, criado por Renatho Costa e José Newton Canabarro em 2023.

Lilian aborda a questão da união no acampamento e de todos(as) estarem no mesmo sentido, em um mesmo propósito para poderem ter sucesso em cada uma das lutas. Vejamos o que ela disse:

Unida, a parte mais linda que tem no acampamento é a união porque a gente está ali junto lutando pelo ideal comum. Então é muito bonito aquela solidariedade, companheirismo. Todos estamos do mesmo jeito

ali, ninguém é mais que ninguém dentro do acampamento. Todos são iguais, todos embaixo da lona, come do mesmo jeito, luta pelos mesmos objetivos. Dentro do acampamento é bem organizado, é uma coisa muito bonita. Tem os núcleos, quem cuida da saúde, da limpeza, barracos. É uma sociedade muito bem organizada, as reuniões, crianças, escola, eu estou falando do meu acampamento, não sei dos outros. Sempre se procura manter uma linha, mas aí é isso, é muito bonito. Lembro que deu um temporal uma noite e levantou as lonas, um preocupado com o outro, 'e aí companheiro não molhou as coisas aí. É uma coisa bonita, linda. Aqui ficamos como uma grande família dentro do assentamento, porque um tem carinho pelo outro, se preocupa com o outro.

Josefina fala a respeito do capitalismo que exige força de trabalho e muita exploração. Fala também sobre o machismo que ainda existe, e sobre temas como educação e luta equidade de gênero dentro do MST.

No conjunto do movimento na verdade é uma estrutura que ela vinha se construindo desde o sistema machista, capitalista porque viemos. Mas era uma minoria de mulher de direção, uma minoria de mulheres na coordenação e onde é que estavam as mulheres nos setores que é de cuidar a mesma tarefa que a gente faz e dá, na saúde, educação, na reza, era no setor da educação, saúde, religião, no setor de doação que era mulheres também. Isso por muitos anos, ainda é muito forte essa questão, as próprias mulheres não se sentem preparadas para assumir outras. Nós avançamos, colocamos um homem e uma mulher no setor de direção, coordenação, mulher no setor produção, finanças, direitos humanos, aí fomos avançando. Temos mulheres qualificadas.

Essa fala de Josefina também mostra como a organização interna do MST possibilita que as mulheres possam participar das atividades em diferentes temas. Nesse sentido, a ciranda é um espaço importante, onde as crianças são acolhidas e cuidadas para que as mães possam participar dessas atividades, especialmente nos acampamentos e eventos do movimento. Seria importante manter ela sempre em funcionamento nos assentamentos.

Viviane aborda o objetivo verdadeiro e a proposta naquele momento sobre o acampamento. Lá tinha que ter organização porque muitas ficavam nos acampamentos cuidando de tudo que estava ali, seus filhos e também os filhos de suas companheiras. Outras mulheres, como ela, ficavam no lugar onde viviam esperando a conquista da terra:

Nós por exemplo que ficamos em casa, a maioria de nós, porque nós tinha em mente ganhar terra. Só que lá nós tinha galinha, duas, três vaquinhas, nós tinha porco, nós plantava de tudo um pouco. Nós tinha em mente, quando nós ganhar a terra nós temos que levar algo para começar, e essa foi objetivo das mulheres ficarem lá. Aí todos os finais de semana, todos os sábados, a gente se reunia para conversar sobre aquilo. Tinha mulher que sofria mais pela distância do companheiro,

outras menos. Nós se reunia todos os sábados, quando ia a cada 15 dias que levavam notícias dos que estavam no acampamento. Aí nos reunia todos que estavam na base e essa pessoa fazia uma conjuntura para nós, do que estava acontecendo no acampamento, era assim que nós ficava informada, nós só tinha em mente era a terra.

Ana fala sobre a questão das monoculturas, o agronegócio e a proposta do MST sobre a agricultura familiar, tema esse em discussão em várias frentes. Vejamos o que ela disse:

Olha, as mulheres aqui a gente sempre na questão de lutas e tal na questão do agronegócio, a questão dos venenos. A gente fez atividade impedindo, tentando impedir um pouco do avanço da plantação de soja nos assentamentos, do arrendamento de terras, mas é isso quando não se tem respeito pela agricultura familiar. Porque uma produção de alface você tem que transportar de 70 km em péssimas estradas para poder que esse produto chegue sadio no mercado e não tem como porque a alface é um produto muito perecível.

O leite é muito difícil de trazer, não se pode trazer leite engarrafado como se trazia antigamente. Então as lutas das mulheres foi nesse intuito de poder garantir a sobrevivência das mulheres no campo em questão da saúde> E buscando a saúde porque as pessoas acham que ou vem direto no pronto socorro podendo ter uma UBS que pode atender os assentados, pode atender. Então essa luta a gente aqui como município a gente participa mais buscando esses direitos. É moradia, porque isso faz parte da reforma agrária ou terem direito a uma moradia, todos tem direito a uma moradia e educação todos os filhos têm direito a serem educados e estudar, direito a vir porque na cidade as estradas está difícil de andar, claro o tempo não ajuda.

Mas é isso que as mulheres fazem dia a dia, porque dia a dia é uma luta para as mulheres sobreviver no lote. Hoje é uma luta das mulheres e outras lutas que a gente tenta se envolver são com lutas das mulheres urbanas. É questão de contribuir com a educação com os professores ou é contribuir vários grupos que já tem formados na cidade é os sindicatos, grupos feministas, é CEPERGS, alguns tipo que busque valorizar as mulheres que a gente se enquadra nesse perfil.

Carmen fala na questão de como as terras são adquiridas e de que maneira legal elas são ocupadas:

Realmente é uma luta que a gente faz com denúncia ao latifúndio que muitos são donos e por terra grilada se apoderaram daquelas terras e foram ficando dono. Outros são endividados no banco e compram e daí o INCRA vai negociar com eles e puxam as pessoas que estão acampadas para cima dessa área, é uma terra que ninguém se adona, ela é legal.

Nesse trecho da entrevista podemos ver de como participavam da luta pela terra e de que maneira possuíam as terras legalmente, e como era quando conquistavam as terras.

6.1.4 Sobre mulheres na produção de alimentos saudáveis

Na questão que abordava como era o papel das mulheres nos assentamentos, na produção de alimentos saudáveis, para o gasto, e também para a comercialização dentro do município, as mulheres entrevistadas falaram o seguinte:

Lilian falou sobre o que era fundamental para as mulheres assentadas e o que era prioridade para os homens, destacando a importância das mulheres na produção de alimentos saudáveis:

É fundamental para as mulheres esse negócio de alimento saudável, ele vai se concretizar se você for pelas mulheres. Os homens estão com a soja na cabeça, que dá dinheiro. É através das mulheres sim a horta, a produção de forma diferente, sustentável, pensando na saúde. É através da mulher que vamos conseguir mudar, não tem jeito.

Josefina fala sobre políticas públicas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE):

Esteve mais forte antes do Bolsonaro ganhar, nós vendíamos para as escolas, asilos, pelo PAA. Depois quando Bolsonaro ganhou acabou, de certa forma diminuiu. O pessoal produzia e já sabia para quem entregar, mais agora já está se mobilizando de novo, porque já está retomando o programa. Mais é mulheres para plantar, os homens pensam grande e as mulheres que seguram os cantinhos. Mas isso vai vir com força agora.

Viviane aborda o tema da soja, do monocultivo e dos venenos colocados nas lavouras e que prejudicam quem vivem nos assentamentos fora dessa lógica:

As mulheres vêm ativas, mas tem o grande aí que é da soja, primeira coisa alimentos saudáveis da onde, eu planto o meu, tem várias companheiras que plantam. Mas passa o veneno dos vizinhos que plantam soja, só tem essas árvores, não podemos tirar porque ataca. Mas assim onde tem lote de terra, onde tem propriedade de assentado que não se planta nada, somente soja, tem assentamentos que arrendam. Isso eu e meu marido conversamos aqui com os irmãos dele, a gente fica conversando. Nós aqui na agrovila, só que os mais jovens, se depender deles pra pegar enxada, largam as ovelhas, tipo assim. Aqui os guris gostam de criar porco, os filhos nosso não gostam, nem ajudam plantar sabe, nenhuma mandioca, batata. Aí a gente fica conversando até quando a gente conseguir fazer isso. A gente não espera ir no mercado comprar mandioca, mas para nós que nascemos e se criamos, conversamos muito sobre isso.

Ana Mendes comenta sobre a relação das mulheres com a terra com o campo e da energia que elas possuem ao fazer parte desse mundo ecológico:

As mulheres são a grandes responsáveis por essa sinergia entre o campo a natureza e o ser humano, fazer uma agricultura com responsabilidade, plantar produtos orgânicos para colocar na mesa dos nossos filhos e marido. Plantar, produzir desde a carne, leite, ovos e mel e o excedente vamos vender na feira. Então eu acho que o papel da mulher hoje dentro do agro é muito importante, me sinto honrada em fazer parte disso.

Carmen fala sobre a produção que elas têm, da banha, da horta, produtos saudáveis e o programa PAA:

Muita mulher planta, tem o que comer nas casas, sabe tu tens ali teu básico, mandioca, batata, ovos, galinha, carne o porco a banha, então tu tens tudo que é saudável. A gente vende muito para PNAE, tu plantas pra comer e vender, tem o teu dinheiro, tu doas, é muito gratificante. Não é resto, é uma coisa boa, pode até virar adubo, mais levamos nas vilas para doar, são doações saudáveis.

Aqui foi falado algo muito importante, a respeito dos programas em que participam os assentados, programas de governo como PNAE, PAA e outros. Sabemos que as crianças podem se alimentar de alimentos mais saudáveis sem agrotóxicos, e isso gera uma corrente para que quem produz também participem, comercializando sua produção junto a esses programas que o governo tem, especialmente as mulheres.

6.2 LUTAS E DESAFIOS DAS MULHERES ASSENTADAS

6.2.1 A luta de 8 de março de 2008

No tocante a entender um pouco das lutas pela reforma agrária não podemos passar despercebidos(as) de algumas lutas marcantes que as mulheres do MST enfrentaram em busca de seus objetivos. Lutas essas que carregam consigo as marcas do enfrentamento, momentos digamos de terror e que elas enfrentaram com muita garra e coragem. Fizeram muitas vezes o papel de escudo humano para poderem serem ouvidas e também foram as mães, enfermeiras, cozinheiras, as que apanhavam, mas que estavam ali, demonstrando resistência à luta que estava proposta, representando a indignação de uma classe que estava disposta a tudo, para alcançar a vitória.

Dentre essas lutas uma foi a que mais marcou as mulheres assentadas do RS, foi a luta nas Marrecas, no município de Rosário do Sul em 08 de março de 2008. Ali vários ônibus de mulheres do campo de várias partes do estado se reuniram em uma propriedade de eucaliptos para uma ação de denúncia ao avanço dessa monocultura na pampa. Vamos ouvir alguns depoimentos de mulheres que viveram essa luta, e que estão vivas ainda para contar essa que foi uma das maiores batalhas enfrentadas por elas. Vamos começar com o depoimento de Lilian.

Foi horrível, março de 2008. Na verdade, tem coisas em que se a gente vai olhar a história do movimento, isso tem que ser dito, o movimento sempre travou grandes lutas contra as coisas. Foi com o transgênico lá em Não me Toque não adiantou, foi contra eucalipto. Eu estava lá em Tapes quando a gente destruiu o viveiro das mudas, eu lembro quando cheguei em casa e meu marido disse, vocês destruíram o centro de pesquisa. Que pesquisa? Plantação de eucalipto. Aquele nas “Marrecas” foi muito marcante porque era todas as mulheres do estado, onde a polícia cometeu um massacre, era com mulher com bala de borracha na barriga, nas pernas, elas estavam em estado precário, vieram para ginásio Guanabara. Foi muito marcante.

Josefina conta também sobre a experiência vivida nessa luta. Ela era estava na linha de frente e conta alguns detalhes que por ela foram observados.

A destruição do viveiro e a luta em Rosário do Sul foi uma das lutas maiores que tivemos. Corremos risco de vida, estilhaços. A Olivia ficou toda ensanguentada. Eu levei cassetete nas costas, mais saímos todas presas. Tinha um ônibus da polícia e não deixou nós levar nossas tralhas. Tomaram nossos telefones, máquinas fotográficas e tudo, e nos colocaram em um ônibus. As crianças queriam água e não tinha. Aí na entrada da cidade, estavam um grupo de apoiadores, o Glauber, pessoal do sindicato que vieram nos encontrar pra ver se nos largavam ali. Aí tinha uma bem machucada. Colocamos ela na frente, fizemos uma gritaria, quebramos os vidros do ônibus.

Fomos tudo para o ginásio e a polícia na volta cuidando de nós. Dormimos no chão aquela noite. Os colchões ficaram, não deixaram entrar. Daí tinha as arquibancadas e nós deitava ali porque não aguentava o sono. Algumas foram para hospital, inclusive a Irma, que era das nossas. Tivemos que levar ela, ela foi presa, conseguimos salvar duas que a polícia puxava e nós não deixamos eles levar.

Isso aconteceu em 8 de março, olha se eu olhar nos papéis acho que foi em 2008. Essas foram das mulheres. A polícia veio de Livramento, até de Bagé, Rosário e Uruguaiana. Quando começou nós tinha bastante criança. Aí tinha uma cozinha, nos colocamos elas para dentro e ficamos na porta cuidando. Ele trouxe a cavalaria para colocar para cima das crianças, parecia que estavam dopados. Quando o cavalo ergueu as patas por cima, tinha algumas crianças no chão, aí eu peguei um colchão e atirei no cavalo. O cavalo se assustou e o milico caiu. Aí sim eu comecei a apanhar. Eu pedi pelo amor de Deus que livrasse as crianças,

ele marcou todas as lideranças. O coronel na frente dos caras, aí conseguimos sair, não tivemos nenhuma vítima graças a Deus, e algumas foram para Brasília fazer manifestação por direitos humanos.

A dona Viviane não participou ativamente desse conflito, mas também deu sua opinião e contou o que ouviu falar das suas colegas que estavam na linha de frente, realmente algo assustador. Ela disse que nos dias de hoje está muito diferente, naquela época as mulheres estavam realmente dispostas a tudo pela sua terra e pela defesa da vida.

Eu não fui na luta, mais as mulheres de mais idade foram, participaram até quando puderam. As mais novas por exemplo da minha idade, na época que isso aconteceu foram ficando com medo e deixando de participar das lutas. Hoje mesmo abaixo da minha idade é difícil de pegar uma jovem de 20 anos por exemplo que participe desses atos. Se acomodaram. Alguns dizem que não passaram pelo sofrimento e experiência que a gente passou, mas tipo não se tira mais uma jovem para uma luta.

Dona Ana participou também dessa luta e faz também seu depoimento valer pela experiência vivida com aquelas mulheres naquele dia, eram 940 mulheres em 34 ônibus. Vejamos o que ela conta sobre o que vivenciou naquele março de 2008.

Olha, essa luta a gente tem marcas nas costas, pernas, foi uma luta pela questão do monocultivo, chamado "Deserto Verde" que estava se alongando no estado e aqui em Livramento. Foi em torno de 940 mulheres, eram uma denúncia demonstrar que o deserto verde estava chegando, estava tomando conta. O dinheiro não ficava aqui no município, ia tudo para fora. O que ficava aqui e no estado era o lixo, as impurezas o veneno os rios e córregos contaminados, os passarinhos a fauna a flora tudo contaminado. Não se cria nada, é muito prejudicial. Sai a celulose fica o toco e a raiz. E a questão da água no subsolo porque o eucalipto precisa de muita água e o lençol freático fica prejudicado. Então a gente conseguiu, tivemos 940 mulheres que chegaram em trinta e quatro ônibus ali. Elas foram despachadas dentro de dez ônibus, o número de brigadianos eram 28 e conseguiram tirar 940 mulheres, então imagina os tipos de truculências que eles usaram. Eram mulheres feridas, crianças feridas. Então a gente carrega essa luta porque foi muito forte e marcante, mas também nos orgulhamos dessa luta, porque desde aí foi decaindo o deserto verde.

Carmem dá seu depoimento referente as lutas e suas experiências quando tiveram alguns embates, e sua história de vida.

Eu acampada em 2002 vim para um lote que estava vago, que estava abandonado aí me puxaram para ali. Não tinha nenhuma estrutura não tinha nada. Fomos limpando e ajeitando. Arrumamos plantamos, fizemos um galpão e fomos indo.

A respeito da luta foi horrível, tínhamos muitas pessoas lá, acho que mais de quinhentas mulheres, bastante ônibus, foi um mar vermelho. Mas com muitos embates conseguimos paralisar aquelas plantações de eucalipto que estavam fazendo. Destruímos tudo, mas levamos algumas balas de borracha pelo corpo. Até hoje tenho marcas daquele dia, mas conseguimos o que queríamos. Diminuiu muito esse tipo de cultura aqui na região.

Podemos ver que essa luta realmente foi um marco da história dessas mulheres assentadas, faz parte de uma geração aguerrida que não teve medo de enfrentar os poderosos. É a força da mulher camponesa, a mulher do campo, aquela que não desiste mas que sempre está ali para o que der e vier. Creio que de todas as lutas, essa foi a que mais ficou marcada nos anais da história do MST na região, pela bravura e pelas causas ali defendidas. Os depoimentos nos enriquecem para o conhecimento da história verdadeira sobre a reforma agrária.

6.2.2 Desafios a serem vencidos

Vamos neste item abordar temas que ainda hoje são problemas para as assentadas dentro do município, como a violência doméstica. A desigualdade de gênero gera a violência contra a mulher, que tem características específicas em territórios rurais (COSTA, MARIN, 2020). As entrevistadas percebem a gravidade dessa questão onde vivem.

Com todos os problemas, entretanto, há ainda o que comemorar. E é pautado nisso que vamos ver o depoimento das assentadas a seguir:

Lilian fala a respeito das necessidades que ainda existem nos assentamentos e como eles(as) fazem para superar esses problemas que enfrentam no dia a dia.

Eu acredito que os problemas hoje continuam os mesmos que naquela época, problemas como falta de estrutura das estradas para escoar a produção, problemas de falta de professores para nossas escolas, infraestrutura e tudo mais, problemas como violência doméstica ainda. As mulheres precisam ser mais respeitadas, conquistamos nosso espaço mas ainda existe o machismo, preconceito e contra isso ainda continuamos lutando.

Ana dá seu depoimento quanto aos problemas que as mulheres assentadas ainda continuam sofrendo no município: “Estradas, educação, violência doméstica, sem condições de ir estudar. O município poderia contribuir com as mulheres com políticas públicas para as mulheres”.

Josefina fala sobre a questão do incentivo às mulheres e da força que existe ainda em relação ao machismo. Isso influencia muita até hoje dentro dos assentamentos:

É a questão da falta de incentivo, machismo é muito forte ainda. Temos bastante mulheres que não saem de casa ainda, porque se ela sair tem que se virar nos trinta. Se sai tem que deixar tudo pronto, pão até ela voltar comida. Essa falta de incentivo que é que limita muitas mulheres e sem falar daqueles que realmente não deixam ir. E aí se sobrecarrega demais e acaba não indo. Se for um dia dois dias é uma quantidade de mulheres que tu tem, se for mais dias é outra quantidade. Os homens discursam bonito, na prática é diferente. Eu sei caso a caso é do meu trabalho, aquela que se encoraja, eu ajudo.

Viviane fala da questão da saúde, transporte e educação e também a questão da alimentação das crianças na escola:

Questão de saúde, educação, as mulheres sofrem muito com esses filhos de educação, começando desde o transporte escolar, estradas, a gente desde sempre valoriza muito os professores. A escola está tapada com uma lona. Quando chove não tem aula, a merenda falta, o que a gente valoriza é os professores, motorista, isso é no geral.

Carmem em seu depoimento aborda os problemas que existem da falta de estrutura das estradas. O direito de ir e vir é prejudicado:

Acho que em primeiro lugar tu não tem direito de ir e vir, pelas estradas. A saúde está bem assistida, uma vez por mês, duas vezes por mês vai em determinado local médicos. Aqui em Livramento é dividido por micro, micro Cerro da Cruz, Cerro dos Munhoz, Faxina, na Santa Rita. Então somos divididos por essas micro. Temos essa assistência. Mas esse direito nós não temos, ponte, estrada, muito ruim. Tu tiras leite muitas vezes vai fora. A cooperativa não consegue mandar caminhão para recolher pelas estradas em péssimas condições.

Observando o que foi falado pelas assentadas, percebo que esse problema é estrutural, governo Federal, Estadual e Municipal, de cima para baixo, a falta de estrutura para o transporte de pessoas e escoamento da produção é muito grave. E isso faz com que repensamos muitas questões, temos que melhorar ainda em muitos aspectos para sermos um país um pouco mais desenvolvido. A precariedade de coisas básicas faz com que vimos ainda o

amadorismo e a falta de atenção como os mais pobres, e isso é de uma esfera agora social. Penso que lendo esses depoimentos, fica o pensamento que ainda estamos muito longe de um padrão mínimo de educação, saúde, transporte e saneamento básico. Tem-se que dar mais atenção nessas áreas, tanto no espaço rural como também nas cidades.

6.3 HISTÓRICO DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA DAS MULHERES ASSENTADAS NO MUNICÍPIO

As mulheres assentadas de Sant'Ana do Livramento estiveram na frente de grandes movimentos dentro do estado, movimentos que marcaram a força da mulher camponesa, que embora a perseguição e o preconceito que elas sofreram nunca desistiram de seus ideais. Elas abriram mão muitas vezes de viverem as vaidades femininas para estarem dentro de acampamentos onde a maior beleza que nelas havia era o orgulho de ser mulher e lutar pela dignidade de sua família, hora vivendo em um contexto desfavorável, mas com a esperança que um dia a conquista da terra e o direito da mesma viria. Mas para isso houve momentos em que se pensava sim em retroceder, o cansaço, a fadiga, a falta do conforto de uma casa, ah, isso as vezes pesava no pensamento, mas nada podia apagar a chama de poder um dia trabalhar na terra e granjear o sustento da mesma para as suas famílias.

Seus depoimentos a seguir fazem com que elas estejam hoje orgulhosas de terem participado desse movimento, e podem dizer que hoje já não é mais como antes. Muitas coisas mudaram e isso vamos poder ler nos seus depoimentos em que falam sobre o futuro das lutas sociais e a luta pela terra.

6.3.1 As mudanças na mobilização coletiva das mulheres

Ana dá seu depoimento sobre a organização que fez a fortaleza dessas mulheres de Sant'Ana do Livramento:

Olha, hoje no meu assentamento, muitas famílias trabalham individual, e muitas ainda trabalham coletivo. Mas assim quando surge alguma tarefa que busca ser coletiva elas fazem juntas. Hoje no assentamento temos agroindústria do queijo, onde as trabalhadoras são somente mulheres. Então se tem alguma tarefa a mais para fazer, ou alguma atividade de lazer e tal, as mulheres são as que se juntam. Claro com apoio dos seus companheiros, mas as mulheres sim continuam trabalhando no coletivo, não a maioria, mas no que for preciso, sim.

Josefina também dá o seu depoimento falando sobre como era a organização dos grupos das mulheres de Sant'Ana do Livramento. Fala ainda sobre sua participação nas lutas e o porquê de hoje ter diminuído os movimentos:

A questão da Pandemia de Covid-19, governo Bolsonaro, agricultura familiar não só das mulheres, mais diminuiu o conjunto em geral. Não só do movimento Sem-Terra também, na verdade, toda esquerda parou. Nós levamos dois anos em seguida de oito de março de 2008. Nós tivemos que mudar o caráter para poder cativar as mulheres para virem, porque daí nós trazia esse caráter de lutas forte, tem quem até hoje não foram mais. Isso foi meio a nível de estado, porque era estadual.

Viviane dá seu depoimento sobre a organização e atualidade dos grupos de movimentos e seu histórico em Sant'Ana do Livramento:

Aqui nós temos grupos de mulheres, mas vários assentamentos não têm mais, para as lutas não. Se você trazer um professor de dança pra fazer atividade, tu vais um mês antes conversando, aí tu reúne, mas para a luta tu não tira, são as mesmas sempre.

Dona Lilian também dá sua opinião sobre a organização e o futuro das lutas pela terra em Sant'Ana do Livramento:

É muda assim, não mudou muito, porque agora a gente está tentando voltar de novo. Estamos nos reunindo, mas não é muito forte. Uma é a questão do próprio governo que tivemos aí, e a questão da pandemia. Mas só que na questão durante a pandemia, não houve luta, atividade, ocupações, mas teve solidariedade. As famílias ajudaram municípios na alimentação para doar para entidades carentes, mais então isso foi muito visto na questão que a sociedade juntou alimentação, roupas e tal para fazer a questão da alimentação e o MST não podia ser diferente por ser o maior produtor de arroz orgânico da América Latina.

Ainda hoje a gente vê as doações que são feitas, da questão da alimentação, das enchentes na região metropolitana, Vale do Taquari, pessoas trabalhando no MST fazendo as alimentações para ser levada. Só que essas questões não são muito divulgadas, nos meios da mídia do MST, no jornal nacional não passa isso aí. Ainda tem uma discriminação que a gente trabalha com isso. As mulheres sim estão sempre se reunindo, porque temos setor de saúde, setor educação formado para mulheres, setor de gênero formado para mulheres que é que faz a globalização, esse ajuntamento, esse chamamento para que as mulheres continuem.

Dona Carmen fala sobre as mulheres assentadas de Livramento e o reconhecimento por participarem de grandes lutas pela terra.

Eu acredito que não mudou, continua. Veio seis anos de desgoverno que a gente teve né, dois de Temer e quatro Bolsonaro. Depois veio pandemia, isso deixou a gente acomodada, outras tiveram Covid-19. A gente tem dona Olivia, grande nome que é do assentamento do Cerro dos Munhoz, ela acompanha sempre nós, todas as lutas que ela pode, ela participa. Mas aí já não é a mesma coisa, porque já vem a idade, saúde, mais sempre estamos nos reunindo e buscando essas mulheres.

Observando o que foi falado em depoimento sobre o futuro do MST, ou das lutas pela reforma agrária, há sim uma expectativa que essa nova geração que hoje se forma dentro dos assentamentos já não tem tanto a garra dos(as) da geração das entrevistadas. Aí está a grande preocupação da continuidade do processo de reforma agrária, e a torcida que alguém possa ser o(a) sucessor(a) deste movimento que foi se tornou um marco na história do Brasil e exemplo para outros países.

Lilian dá seu depoimento sobre as lutas coletivas que as mulheres assentadas fizeram em grupo ao longo do tempo, explicando a dificuldade de mobilização das mulheres do campo hoje:

Tem uma luta que me marcou muito gurias, foi desde ali que eu acho que a gente não conseguiu trazer mais mulheres para a luta que foi ali nas marrecas. As mulheres foram tratadas com bala de borracha, ali foi um massacre, foi a pior coisa que podia ter acontecido, foi a polícia e o comandante ter feito o que fez com as mulheres, porque ali foi horrível. A gente fez muitas lutas, a gente sempre foi, vamos nas atividades e os encontros das mulheres são sempre muito marcantes, porque você trabalha questão de gênero, você tem aconchego, importância, ninguém é tratado há a fulana é melhor que eu, nós somos iguais, independente do que tem, é muito bom os encontros de oito de março, é maravilhoso. Fiz um encontro aquela vez do veneno, que tiramos o peito para fora e demos mamá para uma caveira por causa do veneno. Lembro dessa, foi marcante. Foi em Porto Alegre a muitos anos atrás.

Josefina comenta sobre esse assunto, sobre as lutas ao longo do tempo e a união das mulheres em torno de seus objetivos:

Esse era o papel da mulher que estava na direção que vinha para fazer, certamente tinha uma mulher na direção junto. Então essa que vinha e fazia assembleia com as mulheres daí. E ali passavam toda a discussão e o andamento para fazer. Mas foi mais forte no começo que chegamos aqui, hoje tem assentamento que tu não tens mais a mulher, ela foi devido a conjuntura mesmo. Mas as mulheres que vieram, umas não passaram por acampamento, nós temos uma parte de mulheres que vieram depois que conquistaram as terras, onde tinha essas mulheres no acampamento era mais fácil.

Viviane mostra em seu depoimento que havia outras lutas internas pelas mulheres que também eram abordadas:

É teve luta desde as mulheres de Livramento meio que do Rio Grande do Sul assim. Olha, a gente destruí plantação de eucalipto, até luta contra violência contra mulheres, estupro, fizemos vários tipos de luta, trancar estradas por melhoria na educação, por transporte escolar, estradas, ir à prefeitura, secretaria da educação, nós de Livramento. A gente vai se conjeturando, discutindo, é feito em forma de assembleia. Por exemplo, a assembleia decide que vamos fazer luta no município, porque no município, porque as mulheres estão enlouquecidas, reivindicando tudo isso, e a assembleia é que decide.

Carmen fala na questão da educação, organização das assentadas enquanto umas iam para linha de frente:

Tem várias, a gente tem escola itinerante, que é dos acampamentos, que as mulheres fazem a educação. Daí a gente organiza as escolas, dali já saiu médicos, veterinários, agrônomos, professores, e uma coisa que marca a gente, educação desde o primeiro momento ali, tu não tendo condições de montar uma escola, biblioteca. Mas debaixo da lona preta tu organiza tudo isso, então é uma coisa que emociona a gente.

Podemos entender e compreender as lutas que as mulheres do MST enfrentaram ao longo do tempo, as causas que elas defendiam e também as questões internas de lutas pela liberdade feminina que também elas trouxeram para dentro. Vimos que além da questão da terra havia uma sede de libertação de cada uma em seu interior, que já não havia lugar para o machismo e outras questões consideradas como tabus até então.

As mulheres assentadas têm um histórico de estarem unidas em torno de seus objetivos, as lutas e as propostas geravam discussões entre as assentadas, fazendo papéis estratégicos para suas conquistas. Sem sombra de dúvidas a união entre elas formou um elo muito grande, as organizações internas do acampamento, cuidados com os filhos, saúde, educação foram os focos para não desestruturar a vida dentro dos acampamentos. Colhemos alguns depoimentos sobre a participação das mulheres atualmente.

Josefina nos fala o seu depoimento sobre a união entre as mulheres assentadas:

Na verdade aqui, nós no assentamento, a gente tem coletiva, mas assim trabalho de vivencia coletiva no dia a dia não tem. As mulheres são muito ativas, quando tem as datas comemorativas e para mobilização enche o ônibus de mulheres para lutar pelos seus direitos. As mulheres são que

animam e levantam as comunidades, inclusive nós temos na diretoria hoje que é assim, mulheres na diretoria eu mudou do dia para a noite envolveu toda a família. Antes o que nós tinha era comunidades com mais atividade para homens, que era bocha, baralho, hoje não, temos mulher dentro da diretoria que já foram motim feminino, infantil e juvenil, assim envolveu toda a família. Na verdade quando sai treino geralmente é de noite nós colocamos luz na volta, depois fizemos uma janta. Se é de manhã fizemos um almoço coletivo com toda a comunidade, e quem não joga vai para a torcida e fazer mateada, então enche o campo.

Viviane dá seu depoimento a respeito da união entre as mulheres dentro dos assentamentos, falando se são unidas ou individuais:

Aqui nós somos individuais em partes. A gente tem muito assim de no meu grupo de mulheres por exemplo, se eu disser assim, mulheres vamos fazer tal coisa no coletivo, até mesmo almoçar junto né, peço ajuda para qualquer coisa na minha atividade do dia a dia. Elas são parceiras, muito parceiras. No geral do assentamento as mulheres são mais individuais. Aqui era para ser 37 famílias, mas estamos em 34 famílias. O meu grupo tem em torno de seis, sete mulheres, essas são mais participativas e não precisa ser por exemplo eu chamar para qualquer coisa. Qualquer uma delas tem uma ideia, até mesmo às vezes a gente reúne para fazer bolacha, entende? fazer tipo quando é para fazer confraternização do oito de março, para festa na comunidade você leva a maioria.

Carmem fala sobre trabalhar, unidas ou individuais no assentamento, ela dá o seguinte depoimento:

Na maioria das vezes a gente é mais individual. Mas ainda achamos um grupo ativas nas tarefas. Nós temos uma área nativa que a gente planta reflorestamento que cuidamos, um pedaço de campo nativo onde plantamos ervas medicinais, com domínio na carqueja, para fazer essência. Isso é do coletivo das mulheres.

No contexto geral, a maioria das mulheres assentadas são unidas, mas conforme falado existem algumas exceções, precisamente naquelas que não vão para os confrontos, ficam mais reservadas. Mas também podemos constatar que existem ainda lideranças que se destacam, e que são como referências para todas as mulheres assentadas.

6.3.2 Camponesas que marcaram a luta das mulheres no município

No tocante à lembrança que ficou das mulheres que foram lideranças, que tiveram destaque nas lutas pela igualdade de direitos, conquistas da terra, e

outras tantas caminhadas, manifestações que houve a participação dessas guerreiras, podemos ver que em cada uma delas em suas memórias lembram dos destaques. Vamos agora ver o depoimento de cada uma das entrevistadas, as mulheres que marcaram sua vida.

Lilian faz suas considerações de lembrança de mulheres que se destacaram nas lutas pela igualdade de direitos: “A Jocerlei, Catarina, a Mari, são mulheres que sempre tiveram na linha de frente pra fazer com que as mulheres participem na questão de gênero, a dona Olivia me inspira, ela é muito legal”.

Josefina também dá o seu depoimento das que ela tem na lembrança de destaques:

Tem a dona Olivia é um esteio das mulheres, tem Lucia do CEPERGS, que trabalhava projeto de habitação ela é muito doente, tem a Nilva ela mora em Chapecó, tem Carmem que é uma liderança antiga, a Mari filha da dona Olivia que hoje está atuando na escola, a Rosa da Pampeiro. São mulheres que tinham muitas dificuldades, vinham e posavam na minha casa e no outro dia voltavam. A dona Irene lá do paraíso do Rosário, e uma que não é daqui que se matou foi a Ana Leite de Manoel Viana. A Ana foi um choque para nós. À vezes ela saia sem dinheiro para as lutas. Nós levávamos bastante comida, mais daí nós levava mais comida pra convidar a Ana. A Ana era a pessoa que fazia poema, declamava, a Ana em mim não morreu. A outra que mataram antes da Ana foi a Roseli Nunes, eu estava junto no dia que mataram ela. Fomos no mesmo caminhão com ela. Foi o caminhão da Annoni que nós fomos. Estava ali pertinho, nós enchemos caminhão de gente e fomos juntos com ela. A Roseli era uma guerreira.

Viviane de Oliveira lembra de duas mulheres que marcaram a sua vida nas lutas: “Jocerlei, Carmem, não conheci mais nenhuma”. Carmem também fala sobre um destaque que ficou marcada em sua memória: “Olha a gente tem várias mulheres, a Jocerlei que foi da direção, Carla, Carmem, Cleide e Marli, muitas companheiras que na hora de pegar, pegamos todas juntas”.

Ana também tem sua consideração a essas mulheres que marcaram na sua luta:

Teve a Jocerlei, a Olivia, Catarina, a gente costuma dizer que em qualquer atividade que as mulheres fazem existem referencias. Na questão da discriminação que tem o MST, pela perseguição política que a gente tem por que teve épocas que não podíamos sair na rua, a brigada estava sempre nos atacando. Tem sempre uma mulher que incentiva as outras.

Como podemos observar nos depoimentos, são várias pessoas que fizeram parte dessa história, mas houve sim alguns destaques que realmente marcaram a diferença. Mulheres que realmente tiveram a oportunidade de falar, protestar, colocar em pauta assuntos que até então ninguém tivera a coragem como elas tiveram. Essas desbravadoras foram um marco aqui na região da campanha, em específico Sant'Ana do Livramento onde conquistaram sua terra e até hoje são reverenciadas como grandes líderes nesse movimento. Quero deixar aqui também como entrevistadora as minhas sinceras homenagens a essas mulheres que tive o prazer de conhecer e poder ouvi-las. São realmente uma grande inspiração para essa nova geração que está se formando, corajosas e que lutaram pelos seus ideais.

Posso dizer que ao entrevistar essas mulheres fiquei impactada por estar presenciando mulheres que realmente marcaram uma época, pela sua coragem e pela virtude de lutar pelos seus ideais, um país mais igualitário para todos, questões sociais e especificamente das mulheres e por que não dizer em defesa do nosso meio ambiente, das nossas riquezas, dos nossos filhos. Tudo isso marcou esse movimento que teve esses destaques aqui referidos nesse trabalho.

6.3.3 Estratégias para fortalecer a união das mulheres

Nesse item vamos ver as alternativas mencionadas pelas entrevistadas para fortalecer a coletividade das mulheres no município. O coletivo é muito importante, mas às vezes parece que existem mulheres que não participam efetivamente das reuniões, dos planos e projetos, enfim, não estão focadas nas questões do movimento, e isso causa um certo desconforto para as lideranças. Mas sabendo que em toda sociedade existe os prós e os contras, deve-se saber lidar com essas situações e buscar alternativas para o enfraquecimento que as mulheres mencionam na organização das mulheres.

Lilian opina sobre essa questão, do fortalecimento da organização coletiva:

Com certeza, tem que ir lá nos assentamentos, sabe que tem um grande causador gurias. Tenho que falar das assentadas da igreja, elas não participam de nada. Elas tomam conta nos assentamentos. Lembro que fomos a Santa Maria, falaram se os assentamentos não fizeram o

trabalho de base a igreja vai fazer. Nós que viemos de uma luta sabemos a dificuldade que é.

A CPI do MST não conseguiu nada, arquivaram. Sabe, eu fico muito feliz quando a universidade vem para nós contar nossa história, sabe dar valor para nossa história. Esse valor internamente dentro assentamento não tem. As pessoas esquecem da onde vieram. Digo isso, fico tão chateada que um irmão meu mora dentro assentamento é contra MST. Mas eu digo 'que faz dentro do assentamento?' Compra terra de escritura e sai para fora. Isso eu digo para os assentados: porco que bebe lavagem e vira cocho. Se eu estou bem é graças a essa luta, foi graça a essa conquista coletivamente.

Josefina destaca que é preciso inovar, atualizar para poder conquistar ou reconquistar as mulheres:

Sem dúvida que é importante. Acho que temos que inovar para chamar as mulheres, casar as políticas públicas com grupos de mulheres. Vai vai ser incentivo. Acho que luta por luta tu também se cansa, sempre a mesma coisa. Tu tem que ir criando coisas novas senão não atraí. Outra é as políticas com renda. Se as mulheres não tiver uma renda, quem que não quer melhorar de vida? Quem não quer ter uma casa boa? um sofá para sentar? E isso tem que ser olhado junto porque se for a luta só em caráter político, isso também de certa forma enfraquece.

Viviane destaca que é preciso desenvolver novos rumos e posições que atraiam essa nova geração de mulheres. Há uma preocupação quanto a isso:

É muito importante, agora eu não sei de que forma fazer isso. Tudo que chega chama atenção. As mulheres não se dão de conta que não só fazer uma reunião hoje, isso é desenvolver conhecer outros grupos, tipo organizar. Olha vamos fazer uma atividade lá em tal assentamento, vocês têm ideia de ir? tem um grupo? o que vocês vão levar? Não querem mais participar. É tipo assim, temos que seguir com o grupo. Não é só esperar que tragam atividades, mas as mulheres se cansam muito fácil.

Ana destaca que é preciso saber que as mulheres são uma força muito grande. Acho que elas não estão sabendo usar essa força:

Eu acho que as mulheres, elas têm uma força muito grande, por isso que elas são a maioria, só que elas não sabem a força que tem. Elas são reprimidas dentro de casa ou elas não podem falar alto. Acho que as mulheres tem que se juntar, porque falta muita coisa, não estão cem por cento organizadas, porque se tivesse, elas iam pra rua buscar nossos direitos.

Carmen destaca que é preciso ter autoestima, ter cuidado com ela própria, incentivar as outras que não tem essa força interior: "Fazendo encontros. Agora

dia 30 de novembro e primeiro de dezembro, a gente vai ter um curso de cuidado e autocuidado, então ficamos puxando as mulheres para dar essa autoestima”.

Observando o depoimento de cada uma, destaca-se a competência das mulheres em resolver suas questões. É obvio que nem todas tem esse mesmo potencial de ir para luta, de protestar de denunciar abusos e quantas vezes preconceitos por elas sofridos. Mas que se alguma não tem essa coragem, espelhe-se naquelas que tiveram nas lutas, nas batalhas, crie coragem de enfrentar seus problemas e principalmente denuncie os abusos sofridos, a falta de respeito pela mulher do campo.

Vocês mulheres assentadas são empoderadas, têm uma história de vida e de luta. Vocês são a cara daquelas que um dia ficaram quietas pela repressão. Hoje podem usufruir de uma liberdade que antes não tinham, mas que agora podem gritar para todos: ‘somos livres sim e acreditamos no poder que existe dentro de nós mulheres’. Somente chegamos nas conquistas em termos de gênero pelas lutas de muitas mulheres de coragem. Que força e garra que nunca falem e viva às mulheres destaques da nossa luta pela terra em Sant’Ana do Livramento e de todo estado do Rio Grande do Sul!

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando o momento do fechamento desse trabalho, retorno ao princípio onde colocava e exposição os objetivos que iria trabalhar. Sempre tive o interesse de conhecer de uma maneira mais profunda sobre os assentamentos, como eram, quem fazia parte, como eram as lutas e quem eram os(as) verdadeiros(as) protagonistas, aqueles(as) que estavam na linha de frente. Nos bastidores, por de trás daquilo que mais interessava, as lutas pelas causas sociais e a luta pelo direito à terra, qual era o papel fundamental da mulher assentada, como vivia, qual suas aspirações, qual seu verdadeiro papel no campo, nos acampamentos, nos assentamentos, nas manifestações e qual a importância de tê-la dentro do movimento.

Aí trabalhando em cima desse conteúdo, participei daquilo que essas mulheres através das entrevistas, puderam relatar, abrir seu coração e colocar em pauta assuntos talvez antes não falados, mas que agora apresentaram seus depoimentos nesse trabalho. Nesse trabalho o(a) leitor(a) poderá ver que em nenhum outro falou sobre as lutas e conquistas das mulheres assentadas de Sant'Ana do Livramento. Por esse motivo, tornou-se esse trabalho uma referência para a continuação do mesmo, aproveitando que as protagonistas podem ainda falar a respeito de tantas lutas que participaram e como conquistaram a terra e de que maneira tiveram êxito naquilo que fizeram, embora as marcas e cicatrizes literalmente ficaram tanto no corpo como em suas memórias.

Temos nessa monografia uma base de autores (as) que escreveram temas importantes como mulheres do campo, ou seja, a mulher camponesa, o preconceito e o machismo, a luta por igualdade de direitos, o papel da mulher para a preservação da vida, etc. Questões sobre educação no campo, saúde, princípios sociais são as armas que usaram contra uma sociedade cheia de preconceitos e onde que a opinião da mulher, e principalmente de uma camponesa, muitas vezes não vale de nada.

Observei que em nenhum ponto deixaríamos de falar que o principal marco entre as mulheres assentadas era a união e lutar por um mesmo propósito ou objetivo. O que estava em jogo era o futuro de muitas famílias que iriam depender de cada uma que estava ali no acampamento, passando frio,

dificuldades para cuidar dos seus filhos, sofrendo preconceitos até mesmo de seus familiares, mas sempre com o intuito que haveria a recompensa por passarem por tudo isso.

O que eu como pesquisadora gostaria nesse momento era que esse tema não fosse arquivado, mas sim que houvesse uma continuação, pois temos muitas mulheres ainda que guardam muitas histórias sobre essa época de lutas aqui nessa região da Fronteira Oeste. Existem ainda muitos depoimentos a serem trabalhados por acadêmicos(as) que são os pesquisadores(as) das vivências e dos conhecimentos que essas mulheres nos trazem. Há ainda muito a ser feito, muita informação que precisamos catalogar nas páginas da história dos assentamentos na nossa região.

Para mim foi de muita importância e aprendizado fazer essa pesquisa. Ali conversando com aquelas mulheres pude perceber o quanto somos covardes às vezes por não lutar por aquilo que queremos. Senti-me pequena diante daquelas mulheres que foram um marco para a história do movimento e por que não, marcaram uma geração pelas lutas que desbravaram, e o melhor de tudo, conquistaram. Obrigada por cada depoimento através dos quais podemos juntar tantas informações a respeito das mulheres camponesas. Elas são simplesmente incríveis.

As lutas pelas causas das mulheres, do feminismo, por equidade de gênero, abusos sofridos e tantas outras coisas que elas passaram para chegarem onde estão precisa ser continuada. Que essa geração de mulheres que está surgindo seja tão guerreira quanto essas mulheres entrevistadas. Essas que não tiveram medo de enfrentar o poder político, as tradições e os preconceitos por uma causa que era a liberdade e a luta para preservação da natureza e denunciar os crimes contra a fauna, flora e a humanidade. Preservar o meio ambiente é preservar a vida dos que nele estão inseridos, isso é sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLENDE, R. M. **A arte de fazer feira: o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant'Ana do Livramento/RS.** Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Sant'Ana do Livramento, UERGS, 2019, 104p.

COSTA, C.; MARIN, J. O. B (orgs). **Gênero e Campesinato no Sul do Brasil: dominação masculina e transformação.** Curitiba: Ed. CRV, 2018, p.17 – 33.

COSTA, J.A. **Mulheres rurais e plantas medicinais: saberes, socialidades e autonomia feminina.** Santa Maria, UFSM, 2019, p. 13 a 16.

COSTA, R.; CANABARRO, J. N. **Documentário Liberdade no Futuro.** Santana do Livramento, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tNWrCS9VAPc>>. Acesso em 05 dez. 2023.
MACHADO, A.T. *et al.* **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas.** Texto para discussão, 4. Brasília: Embrapa,2008.

PAULILO, M.I. **Mulheres Rurais: quatro décadas de diálogo.** Florianópolis: UFSC,2016, p. 105 a 115.

PAULILO, I.S.F. **Fome e Mulheres Rurais: Dados-Revista de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, vol.56, no 2,2013, p. 285-310.

PAVAN, D. **O Caminho Feminino para Reforma Agrária: REVISTA NERA,** (3),2012, p. 28–44. <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i3.1482>

QUEIROZ, M. I. P. **Campesinato Brasileiro.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1973.

SCHAAF, A. **Jeito de Mulher Rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul:** Passo Fundo: Editora Universitária de Passo Fundo, 2001.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** / Emma Siliprandi. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SCOTT, J.W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCHWARZER, H. **Previdência rural e combate à pobreza no Brasil Resultados de um estudo de caso no Pará.** In: **Estudos Sociedade e Agricultura,** 14, 2000, p. 72-102.

TÁBOAS, I. M. **É Luta! feminismo camponês popular e enfrentamento à violência.** Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2018.

WAQUIL, P.D. et al. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento.** Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTA

Nome _____

Idade _____

Assentamento _____

1 - Como você vê na atualidade a mulher do campo?

2 - As mulheres no seu assentamento são unidas ou individuais? O que fazem juntas?

3 – Gostaria de conhecer sua história de vida e as lutas que a senhora já enfrentou.

4 – Pode me falar sobre a forma como participam as mulheres no MST no geral e aqui no município?

5 - Como vocês participavam da luta pela terra, desde a organização dos acampamentos e assentamentos?

6 - Gostaria de conhecer as lutas que as mulheres assentadas de Santana de Livramento fizeram em grupo ao longo do tempo. Pode me contar um pouco dessa história?

7 - Poderia lembrar algumas mulheres assentadas que foram e são lideranças nas lutas pela igualdade de direitos entre mulheres e homens no município?

8 - Muitas mulheres lembram da luta em Rosário do Sul contra o avanço da monocultura de eucalipto na região. Pode contar como aconteceu?

9 - Existiam grupos de mulheres organizados e ativos em vários assentamentos. As mulheres assentadas de Livramento eram conhecidas no estado por participar em grandes grupos das lutas. Isso mudou? Por quê?

10 - Você acha importante fortalecer a organização coletiva das mulheres assentadas em Livramento? Em caso positivo, como fazer isso?

11 - Gostaria de saber sobre o papel das mulheres na produção de alimentos saudáveis para o gasto e para a comercialização nos assentamentos do município.

12 - Quais são os principais problemas que as mulheres assentadas continuam enfrentando no município?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo:

Pesquisadora responsável:

Profa. Orientadora:

Instituição: UERGS Sant'Ana do Livramento

Telefone para contato:

Prezada Entrevistada,

Você está sendo convidada a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O objetivo desse estudo é

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formuladas. A entrevista será gravada. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, _____ RG _____

ou CPF _____, declaro, através desse documento, que aceito que a utilização das informações que forneci em entrevista para _____ seja feita no seu trabalho de conclusão de curso em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, bem como autorizo a utilização das informações e fotografia em publicações resultantes da monografia. Autorizo ainda a utilização de meu nome e minhas fotografias. Tendo assinado este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Sant'Ana do Livramento, ____ de _____ de 2023.